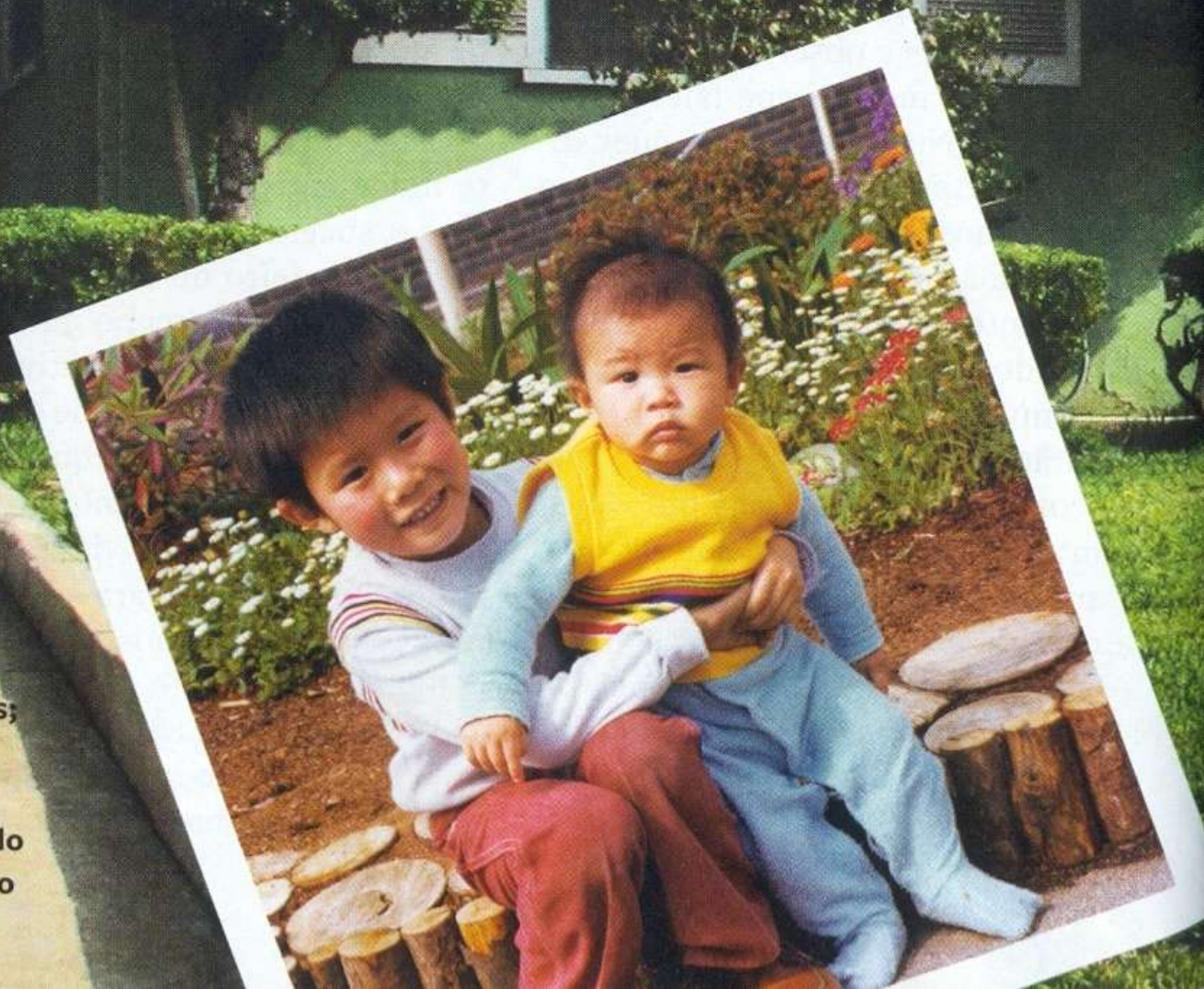


O RETO



A casa da família em Los Angeles; Daniel e Leonard Fong quando crianças (no detalhe).

ORNO

POR STEVE BURGESS

**DESALOJADOS
POR UMA
TRAGÉDIA,
DOIS IRMÃOS
ENCONTRAM O
CAMINHO DE
VOLTA À FAMÍLIA**

No verão de 1980, ao sul do centro de Los Angeles, Daniel Fong, de 8 anos, brincava com caixas vazias no chão do Golden State Market, a loja dos pais, quando três homens entraram. Um deles levava uma arma.

“O homem pediu dinheiro”, recorda Daniel hoje. “Acho que minha mãe foi pegar o dinheiro guardado debaixo do balcão, mas ele atirou nela mesmo assim. Meu pai correu para ajudá-la e levou um tiro também.”

Dois dias depois, a polícia prendeu John Westley Hayes, que confessou os assassinatos de Leonard e Susan Fong, bem como o de Ramond Vasquez, que matara numa barraquinha de hambúrguer alguns dias antes. Foi condenado à morte por dois assassinatos, mas, quando recorreu, a pena foi comutada para prisão perpétua sem direito a liberdade condicional.

Depois dos assassinatos, surgiu o problema de quem cuidaria de Daniel e do irmão, Leonard, quatro anos mais novo. Os dois meninos estavam com Ying-Ying, a avó paterna, e com Sui Tong Ng e “Po-Po”, os avós maternos, que tinham vindo de Hong Kong no ano anterior.

A tradição chinesa costuma favorecer a família paterna, de modo que, quando os garotos foram morar com Ying-Ying, todos se despreocuparam. “Ela fez parte da minha infância”, diz Daniel.

No entanto, o que Daniel e Leonard não sabiam é que não ficariam com Ying-Ying. A avó informara à filha Sue

e ao genro Tommy que seria responsabilidade deles criar os órfãos.

“Não era opção, era o dever deles”, explica Daniel. “De repente, fizeram nossas malas e nos levaram. Chegamos ao aeroporto de Toronto no outono: era um mundo totalmente novo e horrível.”



A família Fong (no sentido horário, da esquerda para a direita): Ying-Ying; Susan; o pai, Leonard, segurando o bebê que levou o seu nome; e Daniel. À direita, Susan e Leonard Fong quando jovens.

Daniel e Leonard sentiram que os novos guardiões não gostaram do fardo. Com três filhas e um filho pequeno, Tommy e Sue tiveram de se mudar para uma casa maior em Mississauga, para acomodar os meninos. Dali a dois anos, Ying-Ying morreu, e a últi-

ma ligação de Daniel e Leonard com o passado da família se foi.

“Na casa nova, sempre nos sentimos um incômodo”, lembra Leonard. “Lembro de me baterem com um espanador. Era como se fôssemos punidos pelas coisas que os filhos deles



faziam. Diziam: ‘Você é burro, os seus professores acham que você é burro.’ Se chegávamos cinco minutos atrasados para o jantar, não comíamos.”

Ao contrário dos filhos do casal, Daniel e Leonard nunca receberam as chaves da casa. Quando Daniel chegava depois das dez da noite, a porta da casa estava trancada. Então, ele dormia na casa de amigos ou passava a noite andando de skate com outros

garotos sem casa. “Cresci em cima de um skate”, conta Daniel.

Os meninos aprenderam com os amigos o que eram famílias amorosas. E isso foi uma revelação.

“Eles tinham as chaves, os pais cozinhavam e lhes deixavam comida pronta”, diz Leonard. “Comparávamos isso com a nossa vida e víamos que alguma coisa estava errada.

Finalmente, em 1989, depois de uma discussão com o tio, Daniel, com 17 anos, saiu de casa com o skate e as roupas nas costas e nunca mais voltou.

Nos meses seguintes, ficou na casa de um amigo. Quando fez 18 anos, recebeu a sua parte na herança dos pais, cerca de 200 mil dólares. Nos cinco anos seguintes, ficou entre Ontário e a costa oeste do Canadá, até começar os estudos na Universidade de Arte e Design Emily Carr, em Vancouver.

A vez de Leonard chegou aos 16 anos. Após mais uma briga, ele também se mudou para a casa da família de um amigo. Dois anos depois, Leonard foi morar com Daniel na Colúmbia Britânica e lá terminou o curso secundário. Em poucos anos, decidiu viajar pelo mundo e, em Veneza, conheceu Jennifer, que se tornou sua namorada. Leonard voltou para o Canadá, onde estudou fotografia durante dois anos no Sheridan College, e se mudou para Nova York para começar a carreira. Por sorte, dali a seis meses, Jennifer também se mudou para Nova York e passou a trabalhar na ONU.

Certo dia, em setembro de 2009, Leonard digitou à toa o seu nome no

Google. A informação que apareceu não era sobre ele, mas sobre o pai, Leonard Fong: um documento do Supremo Tribunal da Califórnia sobre o recurso de John Westley Hayes, o homem que matara seus pais. Leonard nunca ouvira esse nome e, pela primeira vez, leu os detalhes do crime. Os documentos continham outra surpresa: naquele dia, houve uma terceira vítima dos tiros na loja. Seu nome era Yuk Chun Wong.

Leonard se espantou: Yuk Chun Wong era sua avó materna, a mulher

Primeiro, Leonard visitou os dois túmulos no cemitério chinês no leste de Los Angeles e, depois, com o endereço da antiga casa da família na mão, foi até lá dar uma olhada.

O lugar era exatamente como se lembrava. Mas, e o antigo coreto e o tanque de carpas ao lado do qual brincava quando menino? Sem dúvida os ocupantes atuais não se incomodariam se ele desse uma olhada. Ele subiu na varanda e bateu à porta. Uma janela se abriu. Uma voz de mulher disse alguma coisa em chinês.

Leonard ficou chocado: Mais alguém levava um tiro no dia em que seus pais foram mortos.

que, fazia tantos anos, os meninos chamavam carinhosamente de “Po-Po”. Hayes lhe dera um tiro no quadril quando ela tentou ajudar a filha.

“Ela estava lá?”, perguntou Leonard ao irmão. Daniel não se lembrava.

Jennifer deu a Leonard uma surpresa como presente de aniversário. Ao vasculhar bancos de dados e registros em cemitérios da região de Los Angeles, encontrara a cópia do atestado de óbito dos Fong. Nos documentos, estava a localização dos seus túmulos no leste de Los Angeles, além do endereço da antiga casa da família. Em outubro de 2009, Leonard decidiu viajar sozinho para o oeste e visitar os túmulos, “só para obter paz interior”, segundo ele.

“Eu já morei aqui”, respondeu Leonard em inglês, apontando o chão. “Quando tinha quatro anos.”

Houve uma pausa.

“Daniel?”, perguntou a mulher.

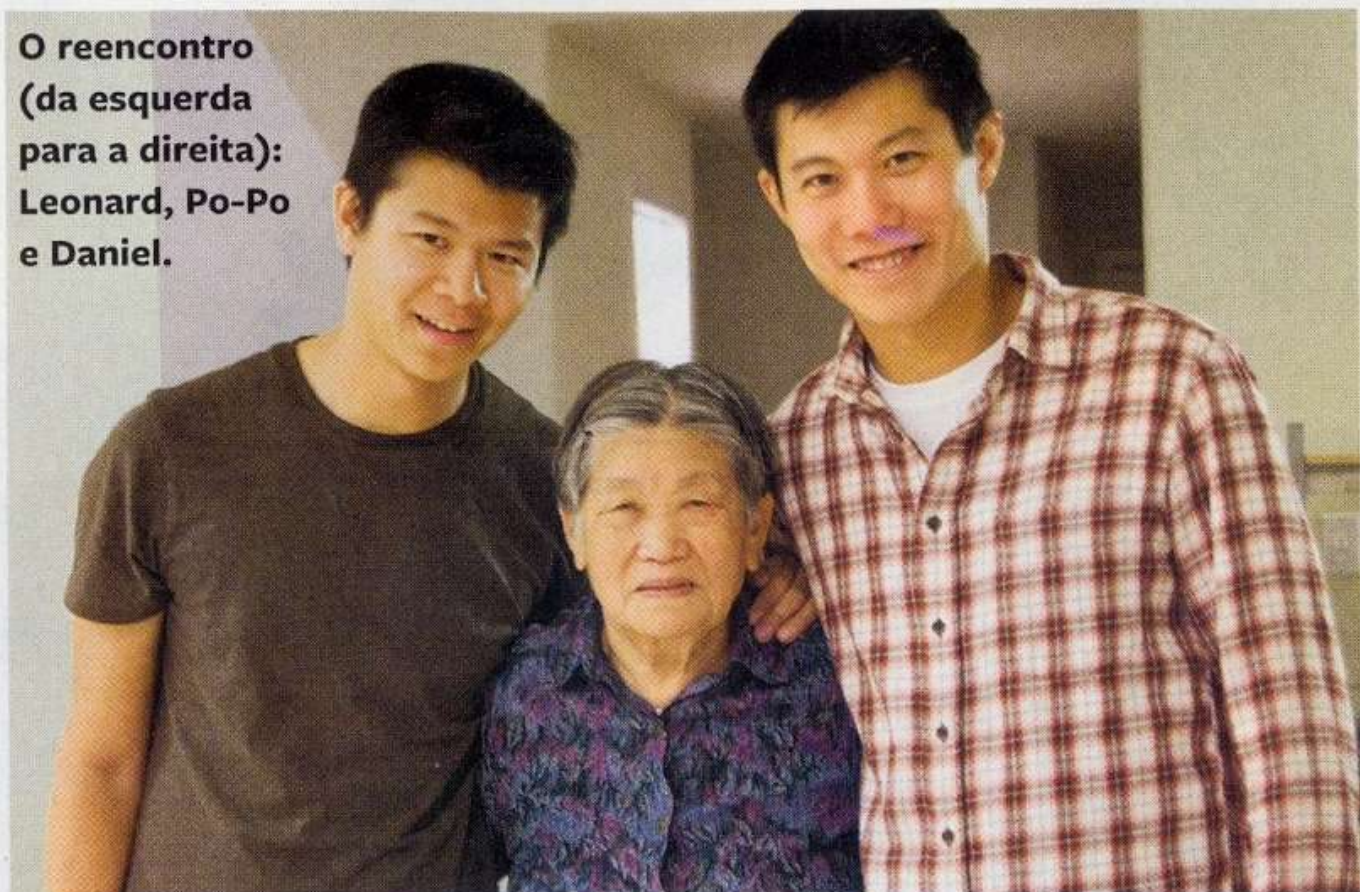
“Daniel é meu irmão. Sou Leonard.”

Dentro da casa, houve gritos e comoção. A porta se escancarou. Havia duas mulheres ali, chorando.

“Sou sua tia”, disse uma delas. “Esa é Po-Po.”

Elas puxaram Leonard para dentro e, num atropelo, quase 30 horas de história se derramaram. Depois do crime, quando Po-Po saiu do hospital, o inventário da filha e do cunhado tinha terminado e os dois netos já tinham sido levados para Toronto. Ying-Ying deixara o novo endereço

**O reencontro
(da esquerda
para a direita):
Leonard, Po-Po
e Daniel.**



para os demais familiares, mas, quando a família foi para Mississauga com os meninos, os parentes maternos da Califórnia não foram informados sobre a mudança. Atrapalhados pela barreira linguística, Po-Po e o marido, Sui Tong Ng, perderam todo o contato com os netos.

No entanto, quando houve a venda da propriedade, o avô decidiu comprar a casa da família. Embora os filhos quisessem que ele e Po-Po se mudassem, o casal foi inflexível e ficou na casa, na esperança de que, algum dia, os netos encontrassem o caminho de volta.

A casa estava quase como era quando Daniel e Leonard moraram ali, havia tantos anos. “A cozinha era exatamente como nós nos lembrávamos”, diz Leonard. “O papel de parede, tudo!”

Leonard pegou o celular e ligou para Vancouver.

“Daniel – disse ele –, você nunca vai adivinhar onde estou bem agora.”

Po-Po mostrou a fotografia de Daniel e Leonard quando eram pequenos, com 1 e 5 anos, respectivamente. Após uma série de telefonemas empolgados, começou a aparecer gente nas portas da frente, dos fundos e na lateral. De repente, a sala estava cheia de parentes, alguns vindos do outro lado do país. Mais do que coincidência, Leonard acha que foi o destino que o levou àquele lugar, naquele momento: todos estavam ali reunidos para chorar a morte de Sui Tong Ng, sepultado na véspera. Com a morte, o avô dos meninos, que durante anos mantivera a fé, finalmente conseguiu reunir a família. ■